



**ISLA PRICILA DA SILVA SANTOS**

**CRIAÇÕES NEOLÓGICAS: UM ESTUDO DOS ITENS LEXICAIS  
NAS CRÔNICAS DE JESSIER QUIRINO**

**CAMPINA GRANDE, 2013**

ISLA PRICILA DA SILVA SANTOS

**CRIAÇÕES NEOLÓGICAS: UM ESTUDO DOS ITENS LEXICAIS  
NAS CRÔNICAS DE JESSIER QUIRINO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciada em  
Letras com habilitação em Língua  
Portuguesa pela Universidade Estadual  
da Paraíba (UEPB).

Orientadora: Professora Ms Teresa Neuma de Farias Campina

Campina Grande

2013/2

S237c

Santos, Isla Pricila da Silva.

Criações neológicas [manuscrito]: um estudo dos itens  
lexicais nas crônicas de Jessier Quirino. / Isla Pricila da Silva  
Santos. –2013.

32 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras,  
com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade  
Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Ma. Teresa Neuma de Farias Campina,  
Departamento de Letras”.

1. Lexicografia 2. Neologismo 3. Língua Vernácula I.  
Título.

21. ed. CDD 413.028

ISLA PRICILA DA SILVA SANTOS

**CRIAÇÕES NEOLÓGICAS: UM ESTUDO DOS ITENS LEXICAIS  
NAS CRÔNICAS DE JESSIER QUIRINO**

Aprovada em: 06/09/2013

Nota: 8,0.

BANCA EXAMINADORA

Teresa Neuma de F. Campina 8,0  
PROF<sup>ª</sup>. MS. TERESA NEUMA DE FARIAS CAMPINA

Amasile Coelho L. C. Souza  
PROF<sup>ª</sup> MS. AMASILE COELHO L. C. SOUSA

Cléa Gurjão Carneiro  
PROF<sup>ª</sup> MS. CLÉA GURJÃO CARNEIRO

Campina Grande

## SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	07
2.1.Processo de formação de palavras.....	07
2.2.Neologia e neologismos, tipos e conceitos.....	09
2.3.Gênero textual crônica.....	13
3. ANÁLISE DO CORPUS .....	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
5. REFERÊNCIAS.....	21

## **CRIAÇÕES NEOLÓGICAS: UM ESTUDO DOS ITENS LEXICAIS NAS CRÔNICAS DE JESSIER QUIRINO**

**Resumo:** As línguas naturais estão sempre em processo de adaptação e com isso sempre há constantes (re)criações, que levam em consideração a dinamicidade da língua com a sociedade. Nesse sentido, produzimos uma pesquisa, envolvendo os neologismos, cujos objetivos podem ser definidos como: a) identificar e conceituar os neologismos; b) classificar os neologismos, observando, notadamente, a produtividade deste no contexto da escrita de Jessier Quirino (2006). Pesquisamos em quatro crônicas, de Jessier Quirino, publicadas no livro “Bandeira Nordestina”. Como suporte teórico baseamo-nos em Valente (2000), Correia e Almeida (2012), Carvalho (2001), entre outros. O resultado da análise aponta a quantidade significativa de neologismos vocabulares presentes nas crônicas, assim como sua produtividade.

**Palavras – chave:** Neologismos; crônicas; produtividade.

### **1 Considerações Iniciais**

A língua natural, por ser um processo dinâmico e influenciável pelo meio, está sempre seguindo as transformações históricas e sociais com a finalidade de suprir a necessidade do usuário da língua em adequar-se ao ambiente no qual está inserido. Há, desse modo, constantes recriações de palavras, quer sendo por novos itens lexicais, quer sendo pela inserção de sentidos distintos dos usuais em vocábulos já existentes. Para todo esse processo de recriação de palavras dá-se o nome de neologismo segundo uma polifonia de vozes teóricas como: Correia e Almeida (2012), Alves (2004), Carvalho (2000) e Valente (2000) dentre muitos outros.

Desse modo, propomos um estudo cujo objeto de análise constitui-se nos neologismos presentes nas crônicas de Jessier Quirino (2006), publicadas no livro *Bandeira Nordestina*.

Para direcionar este trabalho pautamo-nos no seguinte questionamento: Em que medidas os tipos de criação neológica, presentes nas crônicas de Jessier Quirino, nosso objeto de pesquisa, bem como, sua produtividade, enriquecem a língua no tocante à recriação do léxico no gênero crônica?

Tendo em vista o questionamento em pauta, é o objetivo do estudo proposto: a) identificar e conceituar os neologismos; b) classificar os neologismos, observando, notadamente, a produtividade deste no contexto da escrita de Jessier Quirino (2006).

Neste sentido, o estudo proposto apresenta um universo diversificado de palavras novas inseridas nas crônicas de Jessier Quirino, fato que chama a atenção pela quantidade encontrada desses novos vocábulos (neologismos) e a sua eventual evolução no gênero em questão. Por isso, justifica-se esta pesquisa por entendermos que a crônica é um suporte capaz de suprir a necessidade urgente do falante, e que abrange mais rapidamente as novas tendências das sociedades pós-modernas, no que tange à escrita literária.

Nas próximas seções serão discutidos os tipos de criações neológicas a princípio, nos deteremos na exposição da fundamentação teórica tanto de gramáticos tradicionalistas como Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2001), quanto de linguistas como Silva (2000), Carvalho (2001), Correia e Almeida (2012) e outros, acerca dos processos de criação e recriação do léxico.

Em termos metodológicos, selecionamos 4 (quatro) crônicas do livro “Bandeira Nordestina” de Jessier Quirino, publicadas em 2006, pela Editora Bagaço, em Recife. São elas: Amarre sua Bandeira na Bandeira Nordestina, De Matuto pra Matuto, Outra do Mané Cabelim e Agora um Particular com PadeCiço Romão. Nestas crônicas, coletamos 12 (doze) neologismos que formam nosso *corpus*.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Processo de formação de palavras**

Cunha e Cintra (2001) indicam a formação de palavras como um processo morfossintático que permite a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Segundo esses autores, tais formações ocorrem através de afixos ou composição e ressaltam que esses não são os únicos modos de formação de palavras, há outros, a exemplo, dos onímonimos, dos acrônimos e das amálgamas.

Na realidade, este estudo compreenderá, apenas os processos de derivação e composição. Assim, ressaltamos as palavras dos autores:

Os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas sem existência própria no idioma (como des- em des- fazer, ou re- em repor), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: contra - em contradizer, entre- em entreabrir). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO. (grifo dos autores CUNHA E CINTRA, 2001, p. 84).

Cunha e Cintra (2001), portanto, analisam a importância dos prefixos, mostrando que estes são independentes, ou seja, mesmo que sejam utilizados isoladamente sem a presença do radical, funcionam como palavras, não sendo nula a dependência desses prefixos, visto que há possibilidade de em algum dado momento a partícula prefixal necessitar de um radical para a obtenção do sentido. Como por exemplo: “extra” prefixo Grego que significa posição exterior, excesso e que usada isoladamente significa algo fora do comum; que está além do que foi estabelecido ou previsto.

O processo de formação sufixal ocorre de três modos, segundo Cunha e Cintra: O primeiro é denominado sufixo nominal, que acontece quando um radical é acrescido a uma partícula sufixal dando origem a um substantivo, seja em sua forma diminutiva ou em sua forma aumentativa. O segundo processo de formação sufixal é chamado de verbal, que ocorre quando há a junção do sufixo com um radical ou palavra base, dando origem a um novo vocábulo que é classificado como verbo, segundo a gramática. O terceiro e último processo por sufixação é o adverbial, nesse é necessário que a partícula sufixal “mente” seja adicionada a um adjetivo feminino, formando, desse modo, um advérbio.

Os processos de formação de palavras são vistos por Bechara (2009) como necessidades renovadoras de léxicos entre os seus usuários, considerando-se as múltiplas situações de comunicação a que estão sujeitos. Os processos mais produtivos são a derivação e a composição.



Os prefixos, conforme Bechara (2009), são de procedência latina ou grega, e cada um carrega uma significação. Ao se acoplar a uma palavra base ou a um radical eles produzem uma modificação de sentido.

A composição, seguindo o que Bechara enfatiza, é a junção de dois elementos na formação de um novo item lexical, de modo que essas palavras sejam identificáveis pelos falantes. Esse processo ocorre de diversas formas, desde a junção de dois substantivos, seja por coordenação - quando há uma sequência na significação, exemplo: papel-toalha (papel que tem a função de uma toalha); ou por subordinação - quando um elemento depende do outro para que seu significado seja o desejado pelo usuário, a exemplo de: beira-mar (beira do mar), pontapé (ponta do pé). Existem várias outras junções como: substantivo com adjetivo, pronome, numeral ou verbo e também adjetivo com adjetivo.

Os sufixos são aplicados em diversas situações, requerendo do falante um completo conhecimento do idioma para sua aplicabilidade, o indivíduo utiliza sufixos para formar itens lexicais diminutivos, aumentativos e para conceder valores especiais (quando uma palavra ao unir-se com o sufixo não ganha o significado de aumentativo ou diminutivo, mas sim valores que vão além dessa ideia, dão-se a formação de novos sentidos).

O processo de criação de palavras por composição acontece de dois modos: o primeiro por justaposição, ocorrendo quando as palavras unem-se sem modificações, como por exemplo: guarda-roupa, guarda-chuva; e o segundo, por aglutinação, a exemplo as palavras: você (vossa + mercê), cabisbaixo (cabeça + baixo), ocorrendo uma supressão de fonemas para a formação desse novo vocábulo.

Em síntese, muito se pode registrar sobre os processos de formação de palavras, procedimento responsável pela expansão do léxico. No entanto nos deteremos agora ao método de criação neológico, foco de nosso estudo.

## **2.2 Neologia e neologismos, tipos e conceitos**

Alves (2004) entende a neologia como: “o processo de criação lexical dá-se o

nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo” (p. 5). Sendo assim, o neologismo é uma unidade de renovação lexical, na qual pode se dá a partir de uma palavra criada ou recriada, ou ainda, surgindo de uma palavra emprestada recentemente de um sistema linguístico estrangeiro.

Os neologismos são novas unidades lexicais que vão adentrando no léxico, as quais o usuário, por necessidade, insere na língua de várias maneiras.

Nesse sentido, Bechara (2009) enfoca que:

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro dele é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. (p. 351)

Dessa forma, qual seja, seguindo Alves (2004) ou Bechara (2009) podemos afirmar que o neologismo nada mais é que uma renovação do acervo vocabular exigido pelo falante, utilizado para suprir a necessidade de comunicação em um determinado lugar de existência do vocábulo. Todavia, para isso, é necessário um canal de divulgação em que a língua passa e/ou possa ser de livre exposição e de bom entendimento.

Correia e Almeida (2012) que conceituam neologismo, como:

[...] uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento. Desse modo, pode ocorrer que uma palavra, caída em desuso numa determinada época, seja retomada noutra época posterior, passando a ser sentida como neológica pelos falantes, que a desconhecem. (p. 22)

Verificamos que o conceito está ligado ao tempo não ao espaço apenas como nas duas autoras acima citados. Assim, podemos afirmar que algumas sequências fonéticas em alguns momentos, para Correia e Almeida, pelo desuso podem causar estranhamento e, dessa forma, dá uma falsa impressão que é um neologismo.

Um dos meios pelos quais pode ser verificado se a palavra é ou não um neologismo é através do dicionário, de maneira que se a palavra for dicionarizada não será considerado um neologismo. No entanto, deve-se observar cuidadosamente o sentido que a palavra transmite no contexto empregado, visto que o neologismo semântico, por exemplo, é composto por uma palavra existente no dicionário, mas com outra significação.

Os neologismos, portanto, são mutáveis em sua forma, podendo variar o gênero, ou seja, ocorre quando uma palavra feminina ou masculina altera seu significado ao ser modificado seu gênero, apresentando uma nova palavra. Por outro lado, essa mutabilidade pode ocorrer de outras formas, não somente através da mudança do gênero.

As autoras afirmam ainda que:

Além dos critérios acima, adota-se, ainda, a *instabilidade formal* (grifo das autoras) do neologismo como um elemento relevante para a sua classificação enquanto tal: uma unidade será considerada neológica se apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica. (CORREIA E ALMEIDA, 2012, p. 22)

Considerando o que as autoras afirmam acima, os neologismos são mutáveis em sua forma, podendo variar o gênero, ou seja, quando uma palavra de gênero feminino ou masculino altera seu significado ao modificar seu gênero, de modo a apresentar um substantivo ou qualquer outra palavra nova, designando que essa mutabilidade pode ocorrer de outras formas, não necessariamente através da mudança do gênero.

Correia e Almeida (2012) apresentam o neologismo como dois tipos de novidade, a primeira sendo a *neologia denominativa*, que é vista como a capacidade de nomear novos objetos ou conceitos, e a segunda é a *neologia estilística* utilizada para expressar de maneira nova objetos e conceito.

Carvalho (2000) diferencia o neologismo de duas maneiras: o formal, por serem termos novos da língua, ou seja, nesse há o neologismos considerados verdadeiros, não dicionarizados; e o semântico ou conceitual, quando o termo existente na língua é utilizado com uma significação distinta da usual, são dicionarizados, mas utiliza sentidos distintos dos inseridos pelo dicionário.

A conceitualização do neologismo, segundo alguns autores como Alves (2004), Carvalho (2000), Silva (2000), não muda, visto que todos veem uma nova unidade lexical, recém-criada (nomeando como vocabular ou formal, dependendo do autor); ou dá novos sentidos às palavras já existentes (nomeado em semântico ou conceitual). Para alguns como Alves (2004), por exemplo, há também no processo de formação de palavras o empréstimo que é o uso de palavras oriundas de outros sistemas linguísticos.

Levando em consideração o conceito de neologismo e sua influência, segundo os autores acima citados, devido ao grande desenvolvimento científico e tecnológico, bem como a globalização, que exige do falante, cada vez mais, competência linguística específica, observamos que Carvalho (2000) enfatiza que:

A mudança linguística é fenômeno permanente que responde às necessidades da comunidade dos falantes, sejam elas de ordem social ou técnica. Contudo, é sempre lenta e gradual; a realidade, a criação de novos objetos sempre precederá a criação dos itens lexicais que os denominarão. O importante é que essa dinâmica não contrarie a norma e o sistema. (p. 66)

A autora afirma nesse momento que as criações e recriações lexicais são permitidas de maneira regrada. O fato de vocábulos estarem sendo produzidos não desobriga a seguir o que a norma impõe.

Biderman (2001) observa esse processo da mesma maneira que Carvalho (2001) observa, e partilha o estudo neológico em dois tipos: o primeiro é o neologismo conceitual, em que o item lexical, já existente reveste-se de uma nova acepção, formando uma nova palavra; e o segundo é o neologismo formal, ou seja, uma nova palavra introduzida na língua.

Valente (2000), defende o mesmo pensamento, isto é, considera o neologismo semântico quando o vocábulo existente não altera sua forma, mas sim sua significação, de modo que o contexto no qual a palavra está inserida é que ditará o significado; e vocabular, quando há a criação de um novo item lexical através da união de afixos (sufixos e prefixos). Este segundo tipo é compreendido por alguns autores como sendo o verdadeiro neologismo. O que se pode observar aqui é apenas uma questão de

terminologia, uma vez que os autores citados comungam da mesma ideia quando ao conceito de neologismo.

Temos muito a analisar sobre neologismo com base nos conceitos acima dados, no entanto, nos deteremos na conceitualização e classificação dada, por Valente (2000) para analisar nosso objeto de estudo, qual seja, os neologismos constantes nas quatro crônicas de Jessier Quirino (2006), no livro *Bandeira Nordestina*.

### **2.3 Gênero textual crônica**

O gênero textual crônica tem sua origem grega, a qual esta “relacionada ao tempo”. No latim, a palavra crônica é referida a um gênero textual que narra acontecimentos históricos. Atualmente, a crônica tem a mesma função de narrar acontecimentos, sendo que ao invés de narrar histórias de reis, imperadores como no latim, é contada a história do povo através de registros da vida, política, econômica, entre outros, tendo grande influência do jornalismo, que consolidou o gênero, através de cronistas.

Esse gênero foi consolidado no século XIX com a implantação da imprensa. O texto é narrado em primeira ou terceira pessoa, num tom bastante pessoal e intimista e lança reflexões a respeito da vida; em alguns momentos passa a ser humorístico; mescla a linguagem culta e coloquial e seu desenvolvimento é cronológico.

Sua escrita se mostra muito próximo ao leitor, chegando a parecer que o autor falando pessoalmente com seu leitor, aproximando-o através de uma linguagem coloquial presente em alguns momentos no texto. A crônica mostra-se um meio dinâmico de escrita, ela veicula em diversos meios de comunicação, desde o jornal impresso, que no caso foi o meio escolhido nessa pesquisa, até e TV, rádio, internet e outros meios.

Galbiati (2008) cita Melo na caracterização da crônica, mostrando a crônica como um relato poético do mundo real, situando uma informação atual a uma narração literária, retratando dessa maneira experiências comuns da vida. Esse texto aborda uma relação de acontecimentos reais ou comuns ao dia-a-dia do homem, e, embora pareça

um gênero despreocupado, pelo fato de ser marcado quase sempre pela oralidade da língua, preocupa-se com a consequência das críticas elaboradas pelo meio.

Galbiati (2008) também faz uso da citação de Moisés (1979) para idealizar o gênero textual crônica indicando-a como uma reportagem lida pelo leitor, ou melhor, como se os fatos ocorressem por acaso. Ao narrar seu texto o autor explora as potencialidades da língua, permitindo ao leitor algumas leituras a partir do texto, de maneira que o texto permita uma leitura esclarecedora da relação autor e mundo, e não uma leitura delimitadora.

As crônicas de Jessier Quirino são narradas em 1º pessoa, sendo pessoalista e com tom humorístico. Ele conta fatos do cotidiano de um matuto, utilizando uma linguagem bastante matuta, para caracterizar seu personagem, por utilizar termos coloquiais e, sendo assim, acaba (re)criando palavras.

Jessier Quirino faz uso de suas crônicas para homenagear alguns amigos, fato que torna ainda mais pessoal a linguagem empregada e mais regionalista, e que não impede a utilização do humor e do palavreado matuto.

### **3 Análise do Corpus**

Jessier Quirino é um arquiteto autônomo, poeta regionalista, natural de Campina Grande, Paraíba, que utiliza a comunicação como meio de profissão, fazendo uso de uma quantidade significativa de neologismos em seus escritos, sua poesia tem fortes características do matuto nordestino, obtendo um tom humorístico bastante presente em seus escritos.

Pelo fato de empregar em seus textos uma linguagem coloquial nordestina, resolvemos selecioná-lo como base de pesquisa, com isso utilizaremos como *corpus* desse trabalho, crônicas desse autor (Jessier Quirino), por conter renovações lexicais (neologismos), causadas pelo fato da necessidade de urgência no ato da comunicação.

Tomaremos como base de estudo 12 destes neologismos presentes em quatro crônicas, publicadas no livro “Bandeira Nordestina”, um livro publicado em 2006, pela

Edições Bagaço, em Recife, Pernambuco. Analisaremos o emprego dos neologismos seguindo o que Valente (2000) define como conceituais e vocabulares. Com o propósito de verificar a produtividade de cada tipo. Consideramos também a classe de palavra do neologismo.

### **Exemplo 01:**

“Queria muito homenagear o poeta Zé da Luz; minha luz de inspiração, agora chegou a vez. Faço também outras homenagens: a **sagradice** e resistência do umbuzeiro; a Doró, minha mulher, e aos nossos 25 anos de casados, a todo universo feminino; cito aqui elementos da minha aldeia: a grande Campina Grande, hospedeira dos matutos de tudo quanto é nação; cito aqui Zé de Cazuzá e o mestre Chico d’dedês, exemplares de matutos com jazida em extinção”(Amarre sua Bandeira na Bandeira Nordestina, p. 12.)

A palavra *sagradice* é um neologismo vocabular, a qual se compõe por um radical já existente, no caso citado, a junção de “sagrad” mais o sufixo “ice” que significa um estado ou qualidade, formando assim um adjetivo novo, dessa maneira o novo vocábulo traz um significado de qualificação para o objeto.

Esse novo adjetivo vai caracterizar o substantivo umbuzeiro, dando um valor especial, de objeto sagrado a árvore umbuzeiro. A árvore “umbuzeiro” na região nordestina é considerada sagrada, por conseguir, mesmo em período de seca, produzir fruto, e por sua raiz obter um tipo de batata que acumula água, podendo em tempo de seca ser utilizada para saciar a sede.

### **Exemplo 02:**

“Como o cumpade já sabe, nós tamos aqui festejando os cem anos de **veança** de tua idade natá.” (De Matuto pra Matuto, p. 19)

Neologismo vocabular formado pelo radical “Velho” mais o sufixo “ança” que dá significação coletiva ao substantivo, e ainda uma ideia de algo que aumenta, no caso a idade, observamos também, ação e movimento indicados pela palavra nova, pois

parece indicar um significado novo ao velho, o “cumpade”, assim, o velho não é visto como alguém que não faz nada, mas sim um velho com atitude, com movimentos e ações.

### **Exemplo 03:**

“Tudo isso, Zé da Luz, **fogueiramente** falando, é facho de povo aceso, alumando as carqueja das caatinga do sertão;”. (*De Matuto pra Matuto*, p. 20).

“Fogueiramente” enquadra-se no tipo de neologismo vocabular, pois forma-se a partir da junção do substantivo fogueira e o sufixo “mente”, utilizado para formar advérbios, exprimindo o modo da fala do autor da crônica. Com isso podemos dizer que esta fala é uma fala clara e com uma intensidade de fogo, que queima quem ouve, bem como ilumina.

### **Exemplo 04:**

“Finalmentando a conversa dos carrapicho da vida e do branquinho leitoso de papo da lavadeira, tua verve é o Teu Nome: é Luz, é brilho, é luar, é estrela, é lamparina, é relâmpo, é luz solar... é coisa assim **ZÉ-DA-LUZÍSSIMA!!!** Muito melhor do que uma perua jandaia da primeira postura, torrada em panela de barro e com lenha de angico”. (*De Matuto pra Matuto*, p. 21).

Aqui o neologismo empregado é composto por três termos juntos, porém a palavra que emprega o novo sentido é *Luzíssima*, um superlativo adjetivo no seu grau mais intenso, e esta é caracterizada como um neologismo vocabular por utilizar o termo base “luz”, substantivo mais o sufixo “íssima”, transformando o radical em adjetivo para expor de maneira intensa sua opinião.



**Exemplo 05:**

“Pronto, cumpadevéi! Essa fala amarronzada que a gente escuta agora .....tá ouvindo?.....são versos **daluzianosquiriniando** lá fora!!!”(De *Matuto pra Matuto*, p. 21).

Em se tratando das palavras “daluzianos e quiriniando”, podemos classificá-las como neologismos vocabulares, uma vez que as palavras **dae luz** uniram-se ao sufixo “anos” dando uma qualificação e ao verso quanto à palavra *quiriniando*, a junção do termo Quirino que é origem do nome do autor mais o sufixo “ando” verbalizando assim o substantivo, emitindo a ideia de movimento; de “versos” que iluminam “lá fora”.

A utilização desses novos termos serve para qualificar o tipo de verso, que carregará consigo características do autor Quirino, assim como o termo “daluzianos” que unidos traz a ideia que o verso é repleto de conhecimento e com um tom humorístico e ao mesmo tempo com um linguajar do matuto, mas que não perde o caráter intelectual.

**Exemplo 06:**

“[...] eu dei um coice de boca tão **inapopível** e microfonado que foi som arredor de vinte légua”. (*Outra de Mané Cabelim*, p. 64).

Neologismo vocabular, ”inapopível” é formado a partir da junção do substantivo feminino popa e os afixos “in” (prefixo latino, dá ao radical uma idéia de contrariedade) e “vel” (sufixo formador de adjetivo, e emiti um sentido de praticar ou sofrer uma ação). Contudo, podemos afirmar que a palavra em destaque traz nesse contexto um significado de grande, chamativo, ou seja, o escritor da crônica quer dizer que deu uma resposta tão grande e firme a ponto de tornar-se inimaginável e chamativo, seria uma resposta mal falada, a ponto de tornar-se inalcançável diante da pessoa atingida, não havendo possibilidade de defesa e muito menos de debate.

**Exemplo 07:**

“Eu disse: ofendendo não, cocô de loro **grampudo!!!** Eu tou é te chamando pra brigar!!! Tarais pensando que eu tenho medo de corruto!!!”(Outra de Mané Cabelim, p.64).

O autor utiliza como radical o substantivo masculino “grampo” mais o sufixo formador de adjetivo “udo”, para formar o neologismo vocabular *grampudo*, Jessier utiliza essa nova expressão para adjetivar o personagem da crônica que está sendo ofendido verbalmente. Desse modo, o personagem que ofende faz uso de algumas palavras (como cocô de loro) para dá ênfase ao neologismo *grampudo*. Esse nova expressão utilizada no texto (grampudo) foi posta para qualificar o outro personagem da crônica, de modo que o *cocô de loro grampudo* serve para falar que o personagem é uma pessoa desnecessária na qual incomoda por ser grampudo.

**Exemplo 08:**

“Marrapaz! Num vupe de segundo, esse Mané Cabelim, frouxo que só peido de hipopótamo, foi ficando de ovo virado sem tugar nem mugir, foi ficando verde-capim, com o repentino colado, foi tendo puxado de gato, arremelação e grelação dos olhos, dureza, câimbra de sangue, muque afundado, estalimento das queixada, calor de figo pelo corpo, foi tendo aquela invesa geral... **Cururuzou-se** todo e à lástima arregalada, PUFO! Afundou na minha frente com cem quilo de cornice e viadagem.”(Outra de Mané Cabelim, p.65).

O uso da palavra base “cururu” que significa segundo Borba (2012) sapo de grande porte e pele enrugada, mais a desinência verbal fazendo surgir um verbo conjugado na 3º pessoa do singular com a presença da partícula “se”, ou seja, ele transformou-se, ou melhor, como o neologismo vocabular *cururuzou-se* na frase, o sentido empregado é que o personagem citado tornou-se feio, de maneira que tudo que era forte e bonito nele foi sumindo, a ponto de surgir características de uma outra pessoa com aspecto de bicho.

**Exemplo 09:**

“É a **parlamentaiada**? Deus o live, meu Padim!... Ruim que só jerimum cheio d’água[...].” (*Agora um Particular com PadeCiço Romão*, p. 73).

Neologismo vocabular formado pela palavra “parlametar”, conceitua as pessoas que trabalham no parlamento como parlamentar, mais a presença do sufixo “ada” dando um significado de aglomeração, ou seja, um grupo. O termo empregado traz consigo um tom pejorativo, a expressão *parlamentaiada*, com isso os parlamentares passam a ser vistos pelo contexto acima destacado, como pessoas com má índole, caracterizado como um adjetivo, capaz de generalizar essas pessoas do parlamento como pessoas desonestas.

**Exemplo 10:**

”É tanto do ladrão solto, que se o cabra for direito, for pagador e honesto, é **arriscoso** ser preso e apanhar feito couro de cabra pisar tabaco.” (*Agora um Particular com PadeCiço Romão*, p. 74).

A palavra “arriscar” que significa por em risco, ou em perigo, mais o uso do sufixo formador de adjetivo “oso”, formando o neologismo vocabular *arriscoso*, para trazer uma ideia de algo arriscado, que no contexto empregado pelo autor, no texto serve para mostrar que, mesmo sendo honesto é arriscado ser preso atualmente, assim como também apanhar muito, pelo fato de muitos ladrões estarem soltos por ai.

**Exemplo 11:**

“Emprego ta mais difícil que político de palavra, e o pobre do salário ta mais desvalorizado do que a **puta-entradafranca**.” (*Agora um Particular com PadeCiço Romão*, p.74).

Aqui ocorre a junção de três termos da língua portuguesa de uso comum da população, que ao serem usadas juntas como citado a cima, é considerada como neologismo semântico por utilizar de palavras existentes na língua para dá significação diferente da usual, a palavra *puta-entradafranca* utilizada nessa crônica para mostrar o

quão desvalorizado e sem preço é o salário, tão desvalorizado a ponto de compará-lo a uma “puta”, mas não qualquer um, uma puta que não se faz necessário o pagamento para usufruir do seu corpo.

Com isso podemos perceber que o neologismo se faz também a partir do sentido que o contexto insere, a ideia de um significado novo já torna a expressão neológica, as palavras acima empregadas, não mudaram a grafia e não mudaram a classe gramatical, no caso há dois substantivos (puta e entrada) e um adjetivos (franca).

### **Exemplo 12:**

“Os prefeito mais perdido que caroço de pitomba chupada em boca de véi e o rumo da **vereança**, bem dizer um rumo só: invadir o Kuwait do povo [...]”  
(*Agora um Particular com PadeCiço Romão*, p. 74).

“Vereança” é formada a partir da palavra base “vereador”(substantivo masculino) mais (o sufixo) “ança”, passando a substantivo feminino, surgindo assim um neologismo vocabular, “vereança” que aponta o rumo dos vereadores que é exatamente tomar o que é do povo. Trata-se de uma crítica as atitudes destes vereadores.

## **4 Considerações finais:**

Embora o *corpus* desse artigo tenha sido composto por apenas 12 itens lexicais, observa-se uma renovação lexical significativa. Foram 4 (quatro) crônicas selecionadas nas quais foram pesquisados apenas itens neológicos, sendo excluído demais renovações lexicais.

Ao analisar a quantidade de neologismos empregados nas crônicas de Jessier Quirino, observamos que 11 são vocabulares e apenas 01 semântico. Sendo assim, concluímos que a maioria dos neologismos presentes nessas crônicas é vocabular, por estar surgindo na língua no momento da comunicação, através da presença de uma palavra base mais o(s) afixo(s).

Os itens lexicais que surgem a partir da junção com afixos, são mais presentes nessas crônicas, sendo classificados assim, como neologismos vocabulares, sua produtividade dá-se pelo fato de ser considerado por alguns autores como o verdadeiro neologismo. Identificamos esses neologismos observando sua significação bem como sua grafia renovadora na língua, visto que, supri a necessidade do autor da crônica, Jessier Quirino, no momento da enunciação.

O enriquecimento do léxico está presente no momento em que o escritor passa a utilizar esses termos, considerados novos nos textos, de modo que, nesse momento, o público não apenas aceita esses novos itens lexicais, como também, passa a utilizá-lo no dia a dia, tão naturalmente que em um dado momento deixa de ser um neologismo e passa a ser um léxico.

Analisamos ainda que o contexto aonde a palavra está inserida faz toda a diferença no momento que o leitor faz sua leitura, de maneira que a significação da palavra passa a ser de fácil entendimento e mesmo sendo inserida naquele momento, não deixa de ser compreendida pelo receptor.

## 5 Referências:

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo– criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática**. 37 ed. Ver. ampl. e atual Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: \_\_\_\_\_. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Org. José Carlos Azeredo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 176-191.
- BIDERMAN, Maria. Tereza. Camargo. **Teoria Linguística: Teoria Lexical e Linguística Computacional**: São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- BORBA, Francisco S. **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. Paraná: PIA, 2012.
- CARVALHO, Nelly. Neologismos na imprensa escrita. In: \_\_\_\_\_. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Organizadoras: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo. MS: Ed. UFMS, 2001, p. 65-73.

CARVALHO, Nelly. Neologismos, informação e criatividade. In: \_\_\_\_\_.  
**Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Org. José Carlos Azeredo.  
Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 192-202.

CORREIA E ALMEIDA, Margarita e Gladis M de Barcellos. **Neologia em português.**  
São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CUNHA E CINTRA, Celso e Lindley. **Nova gramática do Português  
Contemporâneo.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2001.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro.** in: GALBIATI, Iracema  
de Luci Vagetti. Sequência Didática. Universidade Estadual Maringá, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária.** in: GALBIATI, Iracema de Luci Vagetti.  
Sequência Didática. Universidade Estadual Maringá, 2008.

QUIRINO, Jessier. **Bandeira Nordestina.** Recife: Editora Bagaço, 2006.

SILVA, Maria Emília. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In:  
\_\_\_\_\_. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Org. José  
Carlos Azeredo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 142-146.

VALENTE, André. A produtividade lexical em diferentes linguagens. In:  
\_\_\_\_\_. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Org. José  
Carlos Azeredo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 163-175.

**Neological CREATIONS: A STUDY OF THE CHRONICLES OF Lexical  
items JESSIER QUIRINO**

**Summary:** Natural languages are always in the process of adaptation and thus there is always constant (re) creations, which take into account the dynamics of language and society. Accordingly, produce a survey involving the neologisms, the objectives can be defined as: a) identify and conceptualize the neologisms b) classify neologisms, observing, notably, productivity in the context of this writing Jessier Quirino (2006). Researched in four chronic Jessier of Quirino, published in the book "Flag Nordestina". As the theoretical support were used Valente (2000), Almeida and Correia (2012), Carvalho (2011), among others. The results of the analysis points to the significant amount of lexical neologisms present in chronic as well as their productivity.

**Words - Tags:** neologisms; chronic; productivity.

# Apêndice



**Texto 01:****Amarre sua Bandeira na Bandeira Nordestina**

Cá entre nós, eu sou um homem de voga, de consoante e de palavra. Prometi poemas novos e novos aqui estão. Às vezes simples e românticos feito um namoro pedestre, namorico de portão, outras vezes são alegres – um papagaio na chuva – e às vezes marginal feito puta desertora: nem a sociedade aceita nem a zona quer de volta. Mas são poemas inéditos de motes enterreirados, e estão aqui brilhando que nem uma gilete nova nas bodegas e mercados.

A bandeira aqui cantada, não é necessariamente o pano ou o distintivo. É muito mais um grito à pesca de valores que, infelizmente, estão sendo puxados do chão com mãos diurnas e noturnas; puxados e replantados, como bem retrata a ilustração de capa feita pelo amigo Roberto Silva: o rústico da mão campeira, a leveza poética de uma plantinha de chão e uma luz obliquando um brilho ardente e nordeste. A face nordestina é relativa ao povo simples, aos becos, aos quintais, ao interior, ao Sertão. É lá que o *u* vai passear, bota um chapéu no seu lugar e a lavoura é só *lavora*. É lá que o plural se agarra ao pronome e larga o substantivo: os *cavalo*, os *menino*, os *tangerino*, os *patrão*. É onde o ditongo *ei* perde o *i* de estimação e o beijo vira *bejo*; daí pra frente e só *quêjo*, *chêro*, *ligêro*, *mantêga*, *fera*, *manêra*...É lá que os perus gargarejam seus glu-glus e as cercas exibem-se com os mais variados modelos; vide trecho do poema: “Endereço de Matuto”.

Eu fico às vezes cucando, parafusando uma ideia, atrás de algo que deságüe em poesia; afinal, esta é a almiranta da minha embarcação tateando com tato de ourives, saio angariando versos nas feiras dos pensamentos e, nessa dieza diária, de gole em gole os poemas vão surgindo. Quando uma palavra, dessas de lamber os dedos, faz “siu” pra minha atenção, mesmo que ela não exista, pego o lepo-lepo do chinelo e à chuchacaladinha vou até lá com a caneta de água na boca. Foi assim que nasceu “O Casamento do Papel com Papéia” e foi assim que foi usada a palavra “inapopível”, estranha feito uma desconhecida vista de costas, mas só me parece com uma coisa grande, imensurável, uma coisa que me absurda.

Queria muito homenagear o poeta Zé da Luz; minha luz de inspiração, agora chegou a vez. Faço também outras homenagens: á sagradice e resistência do umbuzeiro; a Doró, minha mulher, e aos nossos 25 anos de casados, a todo universofeminino; cito aqui elementos da minha aldeia: a grande Campina Grande, hospedeira dos matutos de tudo quanto é nação; cito aqui Zé de Cazuzza e o mestre Chico d'dedês, exemplares de matutos com jazida em extinção. Cito, no desfecho um poema, um doutor cirurgião, o Dr Luiz Carlos Bento de Souza – foi quem implantou a válvula biológica e suína que trago no coração. De lá pra cá não posso ver uma porca nem uma poça de lama... e tome versos de mato adentro.

Em homenagem aos colegas arquitetos, nasceu uma planta falada descrevendo uma Casagrande que terminou em música. No registro dessas canções, guardo a devida ressalva de ser cantor de segunda, direcionando o traquejo pro rol das declamações. Sem estas, não passo de um quirinozinho calado. É quando me dano a assuntar.

E mesmo soldado raso do exército literário, eu já ganhei alguma fama e já tenho alguns leitores: foi não foi, vem um de pé picadinho e diz: “Olá, poeta, sou filho de sertanejo, sou matuto e sou seu fã!” Com a quicé da palavra, com a rasteira dos versos e balas de poesia, saio em defesa desses matutos e já me sinto um guerreiro travando grandes batalhas. Só há um troço arriscoso nessa conquista da fama: é o cabra virar nome de fundação, de praça, alameda, nome de rua ou de avenida e depois só ser chamado na base do feminino: “Entre na Jessier Quirino”, “suba a Jessier Quirino”, ou “olha só, a Jessier Quirino está toda iluminada!!!” Qualé meu cumpadre? Aí dentro!

Na melhor das hipóteses você pode virar nome de largo, beco... aí coisa complica:... é lá no Largo do Quirino, ou:... no Beco do Jessier... Escute o que eu vou dizer: eu não quero essa hitória de nome de nada não. Prefiro ser um homem de vogal, de consoante e de palavra. E quem quiser rir e chorar de suas próprias miudezas, de forma afoita e genuína, amarre sua bandeira na *Bandeira Nordestina*.

O autor.

**Texto 02:****De Matuto pra Matuto**

Carta do poeta Jessier Quirino em homenagem aos cem anos de nascimento do poeta itabaianense Zé da Luz – o lume da poesia popular brasileira

Meu cumpade Zé da Luz (1904 – 1965)

Teje num céu de primeira

Como o cumpade já sabe, nós tamos aqui festejando os cem anos de veança de tua idade natá.

Pena que o chão itabaianensa, ora molhado ora torrando, não tenha dado agasalho ao feixe de tua ossada. Se ela fosse aqui plantada, era raiz de poeta pra brocoió ter semente e safrejar poesia por quinze safra seguida. Era um adubo estrumado pra deixar um arvoredado pitombado de palavra e os matuto amurcegado se rindo e feliz da vida.

E quando tu era vivo, tu tinha a goela dourada e a fala um mimo só. Uma tristezinha aqui uma lamuriazinha ali... mas tudo essas coisas d'alma dos tempos da minha avó. Bom, mesmo, é aquela presençazinha de espírito estampada nos teus versos, quando é dado a se mostrar. É peso de língua e beijo amatutando o versejo com palavra garranchenta pros doutor nos assuntar: é relar, é intuiado, é sinhô, é pindurar, é quêjo, é chêro, é corage, é impussive, é o ta, é cenôra, é sexta, é sabo, é istôro e rudiá, é antnce, é trameiado, é bambeza, é burbuiar, é catabi, é catôco, é baguio, é rupinar...

Tudo isso, Zé da Luz, fogueiramente falando, é facho de povo aceso, alumando as carqueja das caatinga do sertão; é vida matando a morte, é voz de povo, voz forte rimando de supetão. Derna muito... muito antes daquela bala furar o pijama de Getúlio – nosso veio presidente – teu versejo era sucesso pra matuto, coroné, chapeado e miritíssimo, sordado, cabo e tenente.

Sois o farol do Nordeste, sois guia de todo barco, sois tora de pau pereiro e a floração do pau d'arco. Sois faxineiro da fala do matuto aboiador, sois lá e cá de

armador. No boletim dos poeta, nóa nem chega nos teus pés. Ninguém sete, ninguém oito, ninguém nove e ninguém dez.

Tua fala sertaneja tem uma quintura de brasa e aquela riqueza de pai de princesa egípcia. Invade a gente feito o mar de Veneza, e quando a gente dá fé... se vê nos verso afundado que nem uma assinatura de sapato Vulcabraz. È rima boa de arranco, de vela e carburação... é boa de lataria, freio, marcha e suspensão.

Teus livro: *Brasil Cabôco*, o *Sertão em Carne e Osso*, *Sertão Brabo* e coisa e tá? São feito bíblia de crente, que, de sovaco em sovaco, anda pra lá e pra cá. A “Dnoa dos Dois Cuscuz”? A caboquinha mamífera dos peitinho pulador? Inda hoje é versejada, é poesia entoaa na voz do entoador. Tua verve, meu cumpade, pode me acreditar, é franja de piaçava penteando o meu quintá. É roubadeira de bússola que deixa o cabra ariado sem saber onde é que ta. Finalmentando a conversa dos carrapicho da vida e do branquinho leitoso de papo da lavandeira, tua verve é o Teu Nome: é Luz, é brilho, é luar, é estrela, é lamparina, é relâmpo, é luz solar... é coisa assim ZÉ-DALUZÍSSIMA!!! Muito melhor do que uma perua jandaia da primeira postura, torrada em panela de barro e com lenha de angico.

Meu cumpade, meu poeta, repare os acontecido que aconteceram com nós: eu, poeta amatutado, meu-louro tua voz, saí de Campina Grande pras banda de Itabaiana, me azular no teu traquejo. Tu largasse Itabaiana, pra fazer fama em Campina, rimando rima com rima, surrando o povo com beijo.

Tando de motivo acesso, eu me inspiro nos teus versos pra fazer os versos meus. E assinzinho, de pé-de-urêia a pé-de-urêia, mostrando a sola dos beijos de sorriso caprichado, me assino: Poeta Matuto... com orgulho de peru fazendo roda.

Pronto, cumpadevéi! Essa fala amarronzada que a gente escuta agora .....tá ouvindo?.....são versos daluzianosquiriniando lá fora!!!

Meu cumpade Zé da Luz, minha carta chega ao fim. Se teu pavio vive aceso, enquanto houver “teje preso!!!!”, tu não fugirás de mim.

Novembro batendo palma em dezembro de 2004,

Poeta JESSIER QUIRINO

**Texto 03:****Outra de Mané Cabelim**

Marrapaz!!! Tu visse a popa que eu dei domingo... Visse a popa que eu dei não ?!! Ouvisse a popa que eu dei?!!!! Marrapaz, eu dei um coice de boca tão inapopível e microfonado que foi som arredor de vinte légua! De vinte légua, não !!!! Foi som lá pras banda da Zamazona que só escuta popa de jibóia e jacaré!

Marrapaz, vê só: O cabra quando ta de azar, dorme no chão e ainda cai! Ainda cai não! O cabra quando ta de má-sorte dorme na igreja e perde a missa!

Quer vê, vá ouvindo aí: domingo, eu, bem dizer, amanheci espirrando canivete... espirrando canivete, não! Eu amanheci com os chinelo trocado e pisando em bosta de cururu... Em bosta de cururu, não!!! Eu amanheci pisando em rasto de corno! Olha só quem chega bem cedo lá em casa, com aquela cabeça auto-dos-piolho... cabeça auto-dos-piolho, não!!! Com aquela cabeça de vaca do chifre mocho: Quem chegou foi cumpade Mané Cabelim com a falta de vergonha e a coragem! Tu acredita? Com a falta de vergonha e a coragem, não!!! Ele vei foi acompanhado daquela profana do cabelo fino que ficou dentro dum trio-elétrico, que era ver o caminhão do zinferno, esperando o resultado!

Aquele infeliz que já ta enfiando água em espeto de tanto imbruido que se meteu, chegou de sem-vergonhice em punho, assaltando a paciência do meu eu, que já tou viúvo de paciência! Vei vindo ali pelas beira, como quem come papa quente. Vei vindo pelas beira, não!!! Ele veio foi direto que nem enterro de crente e foi logo se oferecendo feito chofer de praça. Feito chofer de praça, não!!! Se oferecendo feito puta de liquidação.

*... Éhhhhhhh!!!! Porque num sei quê... Eu vim pedir teu apoio, que minha esposa é candidata à prefeita e a gente que semo primo, devemos é deixar de ladoasencrenca e andar de lado a lado!*

Marrapaz. Eu que sou mei grosso... Mei grosso, não!!!! Finisticamente falando, eu sou um fiapo de pessoa, um fioo, um fiozinho, mas desses fio amolado, capaz de cortar a asa dum zigzig voando! Eu fico grosso, quando o cabra vem acompanhado do cão, tocar rebeca no meu zuvido.

Aí eu disse: homem, não fale nessa esposa não! O cabra que muito escolhe, no fim acaba ficando é com a pior das espiga; quem muito namora e não casa, termina

sendo veado ou casa com rapariga; e tu sois os dois ManéCabelim! Tu acha que eu vou dar o meu apoio àquela carapanã de bigode, rapaz? ... Apoio pr'aquelapraga,não! Apoio pra laiadela: tudo ladrão de cegar coruja... Ladrão de cegar coruja, não!!! Ladrão de arrancar pena duma juriti, sem a coitadinha dar fé! Aquilo é feito cachorro novo, carrega tudo que vê pela frente, até cuia de barreiro! São tud uns ladrão de pegar em bazuca e matar um padre calebrando missa! E tu ainda fala em esposa, fi duma miraia porque, lá dentro de teu pai, tu pulasse de um ovo pro outro pra não nascer uma trincada!

Tu, rapaz! Amancebado com uma nenecado primário má feito, que só conhece o “V” porque parece com um cambito, não tem vergonha de ser cabo eleitoral do teu próprio par de chifre, rapaz? Arrepara, que aprender nunca é demais; mas, aprender nunca, é demais!!! Pelo menos cria vergonha e cuida em perder a banha que é pra tu ver se escapa! Eu nunca vi um veado baleado que não fosse gordo!

Ele foi mudando de cor feito crista de pero, e disse: *você ta me ofendendo!*

Eu disse: ofendendo não, cocô de loro grampudo!!! Eu tou é te chamando pra brigar!!! Tarais pensando que eu tenho medo de corruto? Se eu tivesse medo de corruto não via guia eleitoral, rapaz! Tarais pensando que botaram um fato de ovelha na minha cabeça que é pra mode eu ficar doido? Porque só eu tando doido pra votar naquela tringue da mão torta!

Ele foi inchando, foi inchando, foi inchando... Aí eu disse: não inche, não!!! Quem inchasen doença, desincha sem remédio!! E fui cutucando ele com meu dedão pelos toicim da barriga.

Marrapaz! Num vupe de segundo, esse Mané Cabelim, frouxo que só peido de hipopótamo, foi ficando de ovo virado sem tugir nem mugir, foi ficando verde-capim, com o repentino colado, foi tendo puxado de gato, arremelação e grelação dos olhos, dureza, câimbra de sangue, muque afundado, estalimento das queixada, calor de figo pelo corpo, foi tendo aquela invesa geral... Cururuzou-se todo e à lástima arregalada, PUFO! Afundou na minha frente com cem quilo de cornice e viadagem.

Ele ficou lá, de boca aberta feito burro que comeu urtiga; com o zói de ternantonte, aí a zabaneira saiu de dentro do trio-elétrico que era ver um trio-elétrico:

- *Cabelinho, meu amor, não morra agora... não morra!!! Diga-me: se fores prum mundo melhor; adonde te encontrarei???*

Marrapaz, eu dei uma pegada de ar!!! Eu botei ela na minha linha de coice, desmastriei a bandeira do respeito e dixei-lhe: “Se existir um mundo melhor, ele não te encontra não, rapariga safada! Língua de cururu têi-tê! Franga de pavia despenada!

Arrepara, que tu, ta mais disnurtiada do que galinha quando sai dum caçuí! Vai procurar outra feira, quenga safada, que tu ta com um feder da gota serena! Tais é empestada de fuligem de trio-elétrico e som de raparigagem!” Chamei ela de istombo de lagatixa, dei mais uns duzentos coice e fui pra dentro de casa e deixei os dois lá... e o corno do Cabelim morrido e má enterrado.

Marrapaz, no outro dia, eu esperando a polícia algemar minha pessoa, fui dar uma volta na rua, sabe quem eu encontrei mais folgado do baiguía de macacão? Mané Cabelim e a cha-da-pá-virada, tu acredita? Aí eu disse: pronto... deu certim!!! Só faltava agora eu ver espírito de corno de garra com rapariga! Quer saber duma coisa? Pra mim Mané Cabelim morreu! Eu não vi ele morrer? Pois pra mim ele morreu! E pode vir mais dez livro desses: *Prosa Morena*, *Bandeira Nordestina*, pode vir a gota que eu não falo mais nele. Pra mim ele ta morrido, difuntado e emburacado nas profundas do zinferno e acabou-se.

#### **Texto 04:**

#### **Agora um Particular com PadeCiço Romão**

Meu santo PadimPadeCiço, o assunto é chuarada.

O motivo mais intuito desse meu particular é pedir uma chuarada pras esquinas garranchentas do Cariri fatigado. O tempo aqui, meu santim, ta carrancudo e ardente feito caminho de camelo e o povo suando mais que pistom de procissão. Água aqui é muito pouca, não dá nos peito dum peba e o pasto é tão pequeno que periquito e canário já tão comendo de coca.

Meu Padim, o governo diz que ta tudo no controle, mas não caia de bobeira nessa conversinha, não. Palavra de governo é muito mais falsa que beijo de rapariga. E pro falar em governo, nós tamo tudo é lascado nesse Brasil de meu Deus: nós só pega presidente estradeiro e temeroso feito esses boi do cu branco.

E a parlamentaiada? Deus o live, meu Padim!... Ruim que só jerimum cheio d'água: *Toma-Lá* rouba *Dá-Cá*, *Dá-Cá* já toma de *Toma...* e a corrupção vexada que só peba em areia frouxa. Os partido do contra, sem-vergonha que só raposa criada em casa, faz mais zoada do que namoro de gato... na hora do “vamo vê”, fica tudo assustado feito homem valente na agulha da enfermeira.

É tanto do ladrão solto, que se o cabra for direito, for pagador e honesto, é arriscoso ser preso e apanhar feito couro do cabra pisar tabaco. A vida aqui, meu Padim, ta mais cara do que ovo quando é tempo de quaresma e o povo mais apertado que São Jorge curvado na lua quarto minguante. Emprego ta mais difícil que político de palavra, e o pobre do salário ta mais desvalorizado do que a puta-entradafranca. Os prefeito mais perdido que caroço de pitomba chupada em boca de véi e o rumo da vereança, bem dizer um rumo só: invadir o Kuwait do povo, que vive feito canoa: manobra pelo fundo e sujeito a afundar. Mas como quem tem perna curta levanta cedo e sai primeiro, aqui tou eu a cavucar a terra e só me falta essa invernada.

Meu santo Padim, em matéria de promessa, sou desses cabra infalíve feito doce de marmão servido em festa de pobre, e já paguei a promessa que fiz pra mode casar. Casei-me com Gerolina de Manezinho Cocô , cabôca chegada ao feio, mas o senhor como santo deve ta bem informado: pro cristão viver em paz, tranqüilo e assossegado, é casar com mulher feia e ter cavalo capado. Sou mais eu do que ZézimGalalu: casou com CiçaGaeira – a miss Barreira Nova – bonita e soletrada. Mas casar com mulher miss, é feito morar em fronteira, precisa tá sempre alerta. Galalau abestalhó-se, vem suportando uma gáia tão vistosa e amuada que já passa dos dez ano que faz árvore de natal. Destá como ta.... Espero e confio em resposta chuvosa, salve-salve amém da pátria.

Do sempre afilhado,

Batista de Batistão